

Escola da vida

GILBERTO DIMENSTEIN

COLONISTA DA FOLHA

UM GRUPO de pais de classe média programou para hoje uma visita inusual, possivelmente inédita, a uma favela: eles vão conhecer as instalações onde seus filhos, acostumados a todos os confortos domésticos, vão morar por uma semana. “Alguns pais estão inseguros, é natural que isso ocorra em tempos de tanta violência”, comenta a professora Fabiana Aparecida Martins, que vai dormir na favela em companhia dos estudantes.

Fabiana, porém, está tranquila. A experiência vai ocorrer, na próxima semana, na favela Horizonte Azul, localizada numa área de manancial próxima à represa Guarapiranga, apaziguada por um contínuo trabalho comunitário desenvolvido pela Associação Monte Azul.

Com programas educativos e de geração de renda, a Monte Azul consegue reduzir os níveis de violência e, em especial, de delinquência juvenil —daí ter-se tornado referência mundial. Inicialmente bancados com recursos da Alemanha, os projetos viraram tema de estudos até para os policiais, intrigados com o fato de que, nas áreas em que a associação atua, apesar da pobreza comum da periferia, o crime organizado não impera.

Morar numa favela foi um dos meios que a Escola Waldorf de São Paulo encontrou para levar seus alunos, geralmente protegidos nos condomínios e distantes das ruas, a fazer uma imersão na realidade brasileira. A proposta de residência faz parte do curso de ética, um módulo que dura um ano. “A idéia é fazer com que os jovens se insiram no cotidiano das pessoas. Vão sentir —não pelos livros, mas pela pró-

pria pele— o que é conviver com os problemas de falta de saneamento básico, lazer, saúde, educação”, comenta Fabiana.

A idéia é que, durante o dia, os alunos realizem programas de melhorias da favela (trabalhem na horta, por exemplo), sirvam de monitores na escola pública e, à noite, discutam com os jovens dali perspectivas de vida. Eles serão convidados a perceber o ambiente degradado que leva à marginalidade e como, naquele local, se consegue inverter a tendência natural à violência.

Em apenas uma semana, aqueles estudantes provavelmente vão aprender o que, como se vê nestas eleições, muito político ainda não aprendeu: a violência é provocada não pela pobreza, mas pela sensação de anonimato, de não se sentir parte de uma comunidade.